

**O MITO DE CRISES NA FÁBULA 121 DE HIGINO:
UM ARGUMENTO SINGULAR**

Diogo Martins ALVES

Orientadora: Profa. Dra. Isabella Tardin Cardoso

RESUMO: A relevância da obra *Fabulae*, atribuída a um certo Higino, tende a ser cada vez mais reconhecida nos estudos mitográficos, muito embora estudiosos (entre eles autores de edições críticas) diverjam quanto ao valor desse compêndio de mitologia legado pela Antiguidade greco-romana. O presente artigo visa apresentar a obra e as discussões sobre sua autoria em termos gerais, bem como disponibilizar uma tradução em língua portuguesa (inérita, ao que sabemos, no Brasil) de uma fábula específica, *Chryses*, acompanhada de breve análise. Nela, destacaremos a singularidade da versão higiniana (única fonte antiga legada da Antiguidade a abordar diretamente esse mito) por meio do cotejo com textos de gêneros vários que o tratam mais tangencialmente.

Palavras-chave: Letras Clássicas; Mitologia; Higino; *Fábulas*; Crises.

A obra *Fabulae*¹

As *Fábulas (Fabulae)* atribuídas a Higino constituem uma obra na qual se encontrariam, baseando-nos em seu índice, 277 relatos mitológicos greco-latinos narrados em prosa.² Por não nos ter sido legado nenhum manuscrito completo, o acesso ao texto se dá por meio da considerada *editio princeps*³,

¹ O conteúdo do presente artigo faz parte de um projeto de Iniciação Científica que visa à tradução e análise de fábulas para as quais hoje Higino é a única fonte antiga, considerando, inclusive, os aspectos genéricos da obra *Fabulae*. A pesquisa é desenvolvida sob o auxílio FAPESP, processo nº 2010/00229-0 e orientada pela Prof.^a Dr.^a Isabella Tardin Cardoso (DL – IEL – Unicamp). As discussões que aqui serão apresentadas, sobre a transmissão do texto, título, data, autoria, gênero(s) e composição, encontram-se, de forma mais desenvolvida, em nosso trabalho “*Fabulae Hygini*: singularidades e estilo imanente”, disponível em <http://cutter.unicamp.br/document/list.php?tid=477> (a partir de fevereiro de 2011).

² Contudo, a obra transmitida se encontra incompleta, uma vez que estão ausentes as seguintes fábulas: de 207 a 218, 222, de 226 a 237, de 262 a 269 e a de 272, além do que muitas outras se encontram bastante incompletas. Portanto, considerando também essas, no total transmitem-se 246 *fabulae* higinianas. Cf. Boriaud (1997:xix-xx); Expósito (2008:22).

³ Juntamente com as *Fábulas* estão publicadas, na *editio princeps*, uma edição ilustrada de *Astronomica*, obra também atribuída a Higino. Cf. Boriaud (1997:xvi). Nela consta ainda, conforme pudemos observar, *Mitologia*, de Fulgêncio (V-VI d.C.), *Fenômenos (Phaenomena)*, de Arato (IV-III a.C.) (junto a uma tradução para o latim realizada por Germânico), *Sobre narrativas de Histórias Inacreditáveis (De non credendis fabulosis narrationibus)*, de Paléfato e *Esfera (Sphaera)*, de Proclo (I d.C.) (com a tradução latina realizada por um certo Linacro). Cf. Hoyo e Ruiz (2009:36-37).

de Jacobus Mycillus⁴ datada de 1535.⁵ Nas edições modernas da obra, seu título também segue a edição de Mycillus, embora alguns estudiosos acreditem que o mais correto seria “Genealogias” (*Genealogiae*), uma vez que, em “Astronomia” (*De astronomia*), obra também atribuída a Higino,⁶ o próprio autor faz referência a tal título.⁷

A partir dos possíveis títulos atribuíveis à obra, somos conduzidos à outra questão evocada pelas *Fabulae*: a da definição de seu gênero. Costuma-se sugerir que a obra seria constituída de três partes,⁸ a saber: i) o prefácio (*praefatio*), que, por sua estrutura e conteúdo (formada por uma sequência de nomes próprios no ablativo e nominativo, indicando os genitores e os filhos, respectivamente) seria uma genealogia⁹;

⁴ Tradução latina para o nome do filólogo alemão Jacob Möltzer ou Molsheim (cf. Marshall, 2002:v) (1503-1558), professor de grego na Universidade de Heidelberg. Dentre seus estudos se encontram edições de Ovídio (43 a.C?-17 d.C.), Marcial (c. 38-c. 104), Lucano (39-65 d.C) e da *Genealogia deorum* de Bocaccio (1313-1375). Cf. Fernaz (1997:1).

⁵ Esta edição seria baseada, segundo indicações presentes em seu prólogo, em um códice já em estado precário, datado do século IX ou X e, do qual, apenas nos foram legados poucos fragmentos (*Codex Monacensis* 6437, hoje na Staatsbibliothek de Munique; e um palimpsesto conservado na Biblioteca do Vaticano, *Pal. Lat.* 24, frag. 3, fls. 38 e 45). Cf. Boriaud (1997:xiii); Fernaz (1997:2). Estudiosos como Marshall (2002: vi-vii) e Sánchez (2009:10) aceitam também como pertencentes ao *Codex Monacensis* os fragmentos descobertos recentemente, em 1942, por B. Bischoff e que se encontram Biblioteca Arquiepiscopal de Munique sob o número 8000. Cf. ainda Reeve (1993:189). O caráter singular do estatuto filológico desta obra é destacado, por exemplo, por Ruiz de Elvira, em seu manual *Mitología Clásica*. Segundo ele, de toda a literatura greco-latina, apenas as *Fábulas* e mais outras três obras carecem de manuscritos, a saber: *De litteris, de syllabis, de metris* de Terenciano Mauro (final do II séc. d.C.) e outras duas de Rusticiano Helvídio. Cf. Ruiz de Elvira (1982:27-28).

⁶ As semelhanças entre *Astronomia* e a obra em apreço foram analisadas por A. Martin, *Hyginus, auteur des Fables et de l' Astronomie et C. Julius Hyginus, préfet de la bibliothèque palatine*, Mémoire de l'Université libre de Bruxelles, 1948 apud Boriaud (1997:ix).

⁷ Cf. *Astr.* 2. 12. 2: *De quo in primo libro Genealogiarum scripsimus* (“sobre isso escrevemos no primeiro livro das *Genealogias*”). Cf. Boriaud (1997:ix); Expósito (2008:19); Fernaz (1997:2). Um segundo aspecto, mais ligado à transmissão da obra, que poderia corroborar essa especulação se refere ao fato de que as algumas *fabulae* foram traduzidas para o grego, figurando como apêndice da obra denominada *Hermeneumata Leidensia*, um vocabulário grecolatino, atribuído a pseudo Dosíteo. Nela, estaria presente a expressão: “Genealogia de Higino” (“Ōãβίτō ããããããããã”). Boriaud (1997:x); Expósito (2008:18; 2003:269-270); Fernaz (1997:5).

⁸ Seguimos aqui uma divisão proposta por Expósito (2008:20-23; 2003:270-273), que, por sua vez, baseia-se em Boriaud (1997:x): “Même si notre text n’est pas expressément divisé en grandes parties, nous ne sommes pas certains d’en avoir autre chose qu’une version récomposée, et trois divisions, de toutes manières, y apparaissent nettement (généalogies, récits et catalogues).”

⁹ Como indica a etimologia do termo grego (*genealogein*, ‘falar sobre a origem [de alguém]’), os textos chamados de genealogias são predominantemente a apresentação de uma estrutura familiar (no que tange à descendência), e têm uma função de oferecer um “pedigree”, ao legitimar a memória (pseudo-histórica) de determinadas famílias. Sobre a genealogia e suas convenções gerais ou especificamente egípcias, gregas ou romanas, cf. verbete “Genealogy” no *Brills New Pauly* (Renger, Johannes; Meister, Klaus ; Rüpke, Jörg . “Genealogy.” *Brill’s New Pauly*. Antiquity volumes edited by: Hubert Cancik and ; Helmuth Schneider . Brill, 2010. Brill Online. Universitaetsbibliothek Heidelberg. 14 November 2010 http://www.brillonline.nl/subscriber/entry?entry=bnp_e421360. Observamos também que muitas das fábulas da obra atribuída a Higino são iniciadas por um catálogo de nomes. Para o estudioso J. Schwartz, somente o prólogo e essas anotações genealógicas seriam genuínas à obra, sendo as demais informações interpolações posteriores. Cf. apud Expósito (2008:22).

ii) as fábulas¹⁰, propriamente ditas, que apresentam as narrativas mitológicas (são as *Fabulae* de número I a CCXX, correspondendo à maior parte da obra); e iii) os catálogos¹¹, em que são apresentadas predominantemente inúmeras listas de nomes próprios (*Fabulae* de número CCXXI a CCLVII e CCLXIV a CCLXXVII), com temáticas diversas, como, para citar apenas alguns exemplos: as mães que assassinaram seus filhos (CCXXXIX), quem foram os efebos mais belos (CCLXXI) ou então quem foram os inventores e o foi inventado (CCLXXIV).¹²

A data de composição das *Fábulas*, por sua vez, é incerta. Contudo, alguns estudiosos partilham da mesma opinião, ao considerar como *terminus ante quem* (a data mais avançada possível) o ano de 207 d.C., data em que algumas das fábulas foram traduzidas para o grego.¹³ Expósito sugere que a composição poderia compreender os anos de 11 e 3 a.C., data em que possivelmente a obra *Astronomia (De astronomia)*, também atribuída a Higino, teria sido publicada.¹⁴ Como *terminus post quem* (a data mais remota possível), Rose sugere o ano de 55 a.C., uma vez que, segundo o estudioso, na redação das *Fábulas* encontram-se escólios da *Argonáutica* de Apolônio de Rodes (séc. III a.C.).¹⁵

¹⁰ O conceito do termo moderno de “fábula” propriamente dito costuma ser relacionado a uma história curta, com uma moral inerente, em que os personagens são animais personificados. Cf. Böck (2009), no verbete “fable” do *Der Neue Pauly* (= Brills on-line): “The fable is a short, fictitious story with an inherent moral, the characters of which are personified animals”. Expósito (2008:19) assevera que em sua origem o termo foi considerada como um “género popular y tradicional, como una composición falsa que simboliza la verdad”. Ainda segundo a estudiosa, essa concepção de fábula, em que os personagens são animais personificados, procede de La Fontaine, a partir do século XVII, sendo as “colecciones de fábulas en la antigüidad, además de las animalísticas, contenían relatos de dioses y hombres, mitos o anécdotas, cuentos, novelas, etcétera”. Nos dicionários, esse sentido é indicado por extensão: “a legend, myth” (OLD – sentido 5); “curta narrativa, em prosa ou verso, que tem entre as personagens animais que agem como seres humanos, e que ilustra um preceito moral” e “história narrada das ações dos deuses e heróis greco-romanos; mitologia” (Houaiss – sentido 1 e 3, respectivamente).

¹¹ Na base de dados *Brills on-line*, versão em inglês da enciclopédia *Der Neue Pauly*, verbete “Catalogue”, esse tipo de texto é assim definido por C. Reitz: “A catalogue is a listing of similar terms in an homogenous context, which in its form is clearly delineated. Each of its components is an ‘element of a continuous development’ [4. 64]. There is no coherent ancient definition.” Reitz, Christiane (Rostock). “Catalogue.” *Brill’s New Pauly*. Antiquity volumes edited by: Hubert Cancik and ; Helmuth Schneider . Brill, 2010. Brill Online. Universitaetsbibliothek Heidelberg. 14 November 2010 http://www.brillonline.nl/subscriber/entry?entry=bnp_e610560.

¹² Cf. Hoyo e Ruiz (2009:16); Sánchez (2009:12). No entanto, os estudiosos também identificam alguns outros catálogos ao longo da obra, como nas *Fabulae* XI, XLVIII, LXXVI, LXXXI, XCVII, CXXIV, CXXVII, CLV-CLXIII etc.

¹³ Presente na obra *Hermeneumata Leidensia*, acima referida. Cf. Elvira (1982:27); Boriaud (1997:x); Expósito (2008:18; 2003:269-270); Fernaz (1997:5).

¹⁴ E, ainda, considera que por motivos de língua e estilo empregados nas *Fábulas*, seu autor deveria ter vivido entre os primeiros anos de nossa era. Cf. Expósito (2008:19).

¹⁵ A afirmação se dá na edição crítica de H. J. Rose, publicada em 1933. Cf. Fernaz (1997:5).

Hyginus

Sobre o autor das *Fábulas* propriamente dito, sabemos que se trata de um certo Higino, nome presente na tradução grega de algumas passagens da obra, e, também, a partir da *editio princeps* de Micyllus, na qual lemos: *C. Iulii Hygini Augusti Liberti Fabularum Liber*. Observa-se uma tendência, por parte de alguns estudiosos¹⁶, de associá-lo ao escravo liberto de Augusto, Caio Júlio Higino, que é retratado por Suetônio (70?-140? d.C.) em *Sobre gramáticos e retores* (*De grammaticis et rhetoribus*, XX):

*C. Iulius Hyginus, Augusti libertus, natione Hispanus, (etsi nonnulli Alexandrinum putant et a Caesare puerum Romam aduectum Alexandria capta) studiose et audiit et imitatus est Cornelium Alexandrum, grammaticum Graecum quem propter antiquitatis notitiam Polyhistorum multi, quidam Historiam uocabant. Praefuit Palatinae bibliothecae, nec eo secius plurimos docuit. Fuitque familiarissimus Ouidio poetae et Clodio Licino consulari historico; qui eum admodum pauperem decessisse tradit et liberalitate sua, quoad uixerit, sustentatum. Huius libertus fuit Iulius Modestus, in studiis atque doctrina patroni uestigia secutus.*¹⁷

Caio Júlio Higino, liberto de Augusto, nativo da Hispânia (embora não poucos suponham que era de Alexandria e que, quando capturada a cidade, César o trouxera, ainda menino, para Roma). Com diligência, tanto ouviu quanto imitou Cornélio Alexandre¹⁸, gramático grego a quem, por conta de seu conhecimento sobre a Antiguidade, muitos chamavam de “Polyhistor”¹⁹, e alguns de a própria “História”²⁰. Dirigiu a Biblioteca Palatina, e, nem então, deixou de ensinar, de modo diligente, a muitos. Foi um dos amigos mais próximos do poeta Ovídio²¹ e de Clódio Licínio, historiador consular, que relatou ter Higino morrido em extrema pobreza, tendo sido sustentado por sua generosidade pelo tempo em que viveu. Higino teve como liberto Júlio Modesto²², que seguiu os passos de seu patrono nos estudos e na doutrina.

¹⁶ Favoráveis a identificar o Higino biografado por Suetônio e o autor das *Fabulae* são, por exemplo: L. Laurand, J. R. Bacon, F. Cramer, J. Carcopino e André Le Boueffle, um dos editores da obra *Astronomia*. Cf. Fernaz (1997:5). Expósito também considera se tratar do mesmo Higino. Cf. Expósito (2008:13-14; 2003:268-269 e 277). Cf. ainda a discussão em Boriaud (1997:vii), que não vê argumentos decisivos contra tal associação.

¹⁷ Texto latino editado por Vacher (1993), publicado pela *Les Belles Lettres*.

¹⁸ Estudioso e polígrafo do século I a.C. Tendo sido trazido por Sula (138-78 a.C.), durante sua campanha no leste, lecionava em Roma. Cf. Conte (1999:777).

¹⁹ *Polyhistor*: “Widely learned (a title given to Greek historian, Alexander Cornelius, a contemporary of Sulla)”, segundo o *OLD*. Traduções propostas em dicionários de língua portuguesa são “O Erudito” (Torrinha), ou “que sabe muito” (Saraiva).

²⁰ *Historiam uocabant*: Cornélio seria, pois, uma verdadeira personificação da História. A passagem é citada no verbete “*Historia*” (sentido 3) do *OLD*: “the recorded knowledge of past events, history”.

²¹ Alguns estudiosos sugerem que o poema *Tristia* 3. 14 de Ovídio seja dedicado a Higino. Cf. Schmidt (2009). Cf. também Prata (2007:291 nota 305); André (1987:95 nota 1); Lechi (1993:266 nota 1); Montero (2002:108 nota 46). A dedicatória ovidiana a Higino é, como nos informa André (*op. cit.*), discutida no estudo “Un ami d’Ovide, C. Iulius Hyginus” de P. van de Woestyne, ao qual, contudo, ainda não tivemos acesso.

²² Renomado gramático do reinado de Tibério. Escreveu *De diis penatibus* e *De proprietatibus deorum*. Cf. Vacher (1993:161).

O caráter erudito também do Higino citado por Suetônio é notável na quantidade e ecletismo dos títulos de outras obras a ele atribuídas (que, todavia, não nos foram legadas), entre elas algumas que sugerem interesse mitológico, como *De proprietatibus deorum* e *De dis penatibus*.²³

Contudo, outros estudiosos das *Fábulas* não aceitam a associação entre o Higino acima biografado e o autor das *Fabulae*.²⁴ Entre os argumentos elencados, está o de que um escritor da época de Augusto, e muito menos sendo bibliotecário do *princeps*, não escreveria em um estilo tão pedestre e com tantos alegados erros.²⁵ Entretanto, há quem, como La Boeuffle, evidenciando pressupostos normativos e classicistas da língua latina presentes em tal análise, sugere que os supostos desvios poderiam já estar presentes nos modelos utilizados por Higino. Ademais, o estudioso ressalta que, desde o século I a.C., se concedia maior liberdade e flexibilidade à prosa dos escritores, citando, entre seus exemplos, Cornélio Nepos (99-24 a.C.) e Vitruvius (séc. I a.C.). La Boeuffle lembra, ainda, a preferência que havia na época augustea, sob influência helenística, por variantes raras dos mitos e pela exuberância de informação mitológica.²⁶

Sem querer entrar no mérito da identificação precisa da autoria, a partir da discussão acima apresentada evidencia-se a importância, para qualquer abordagem da obra de Higino, mesmo aquelas mais interessadas no conteúdo da obra como fonte, uma maior atenção às características filológicas, inclusive estilísticas e genéricas, do texto. Um exemplo da leitura que nos propomos a fazer é apresentado a seguir.

A Fábula de *Chryses*

A fábula a seguir narra a história de Crises, filho de Agamêmnon e Criseida e neto do sacerdote de Apolo. Embora, dentre as fontes remanescentes da Antiguidade, esta seja a única que aborda diretamente o mito em questão,²⁷ em algumas passagens, ainda que tangencialmente, é possível associar a versão de Higino a outros mitos presentes em obras de diferentes gêneros, tanto latinas quanto gregas.

²³ Como obras atribuídas ao bibliotecário de Augusto teríamos ainda: *Exempla*, *De situ italicarum*, *De familiis troianis*, *De apibus*, *De agri cultura* e *De uita rebusque illustrorum uirorum*, cujos testemunhos estão presentes em autores como Quinto Ascônio Pediano (9 a.C.-27 d.C.), Aulo Gélcio (123-c.165 d.C.), Sérvio (IV-V d.C.), Columela (I d.C.), Plínio – o Velho (c. 23-70 d.C.) e Macróbio (IV d.C.). As referências estariam presentes, respectivamente, nas obras *in Pisonianam*, *Noctes Atticae*, *in Vergilium Commentarius*, *de Re Rustica*, *Naturalis Historia* e *Saturnalia*. Cf. Boriaud (1997:viii-ix); Expósito (2008:14). A leitura de tais passagens, tendo em vista um possível estudo acerca do conteúdo de tais obras e do gênero em que se inserem, vem sendo realizada no projeto de iniciação científica.

²⁴ Seriam eles: B. Bunte, C. Bursian, K. Robert, E. Maas e H. J. Rose. Cf. Fernaz (1997:4).

²⁵ Rose considera, inclusive, serem as *Fábulas* apenas uma tradução medíocre de um único manual grego. Cf. apud Fernaz (1997:4).

²⁶ Cf. apud Fernaz (1997:5-6). Sobre a variação nas versões das histórias como parte da definição de mito antigo, cf. Bremmer (1994:1-9).

²⁷ Grimal, em nota ao termo Crises, indica a tragédia de Sófocles, homônima, hoje perdida. Cf. Grimal (2008:119). Encontramos alguns fragmentos da referida obra em *Tragicorum Graecorum Fragmenta*, de Augustus Nauck, 1889, p. 209. Sobre a inexistência de outras fontes conhecidas, cf. Expósito (2008:121 nota 384); Fernaz (1997:234 nota 187).

CXXI. CHRYSSES

Agamemnon cum ad Troiam iret, et Achilles in Moesiam uenit et Chryseidam Apollinis sacerdotis filiam adduxit eamque Agamemnoni dedit in coniugium. Quod cum Chryses ad Agamemnonem deprecandum uenisset ut sibi filiam redderet, non impetrauit. 2. Ob id Apollo exercitum eius partim fame <partim peste> prope totum consumpsit. Itaque Agamemnon Chryseida grauidam sacerdoti remisit, quae cum diceret se ab eo intactam esse, suo tempore peperit Chrysen iuniorem et dixit se ab Apolline concepisse. 3. Postea, Chryses Thoanti eos cum reddere uellet, Chryses audiit senior Agamemnonis Iphigeniam et Orestem filios esse; qui Chrysi filio suo quid ueri esset patefecit, eos fratres esse et Chrysen Agamemnonis filium esse. Tum Chryses re cognita cum Oreste fratre Thoantem interfecit et inde Mycenae cum signo Dianae incolumes peruenerunt.

Quando Agamêmnon²⁸ ia para a região de Tróia²⁹, Aquiles³⁰ chegou à de Mésia³¹ e, trazendo consigo Criseida³², filha do sacerdote³³ de Apolo, deu-a em matrimônio a Agamêmnon. Crises, embora tivesse ido até Agamêmnon a fim de a ele suplicar que lhe devolvesse a filha, não o conseguiu. 2. Diante disso, Apolo destruiu quase todo seu³⁴ exército, em parte pela fome, <em parte pela peste>³⁵.³⁶ Assim, Agamêmnon enviou de volta ao sacerdote Criseida, grávida, que, embora se dissesse ainda casta, chegado o momento deu à luz o mais novo Crises, e disse tê-lo

²⁸ De acordo com Hyg. *Fab.* 97, Agamêmnon era filho de Aérope e Atreu. Contudo, em Apollod. 3. 2, 2, seus pais seriam Aérope e Plístenes.

²⁹ *Ad Troiam*: na prosa clássica não seria de esperar o uso de preposição antes de nome de cidade, mas sim quando referente às cercanias da cidade. Cf. Grimal (1986:111).

³⁰ A conhecida lenda de Aquiles narra que seus pais eram Tétis e Peleu. Cf. Hyg. *Fab.* 96; *Il.* 20. 206-207.

³¹ *Moesiam*: província localizada entre o Danúbio e a Trácia. Atualmente corresponde à Bulgária e à Sérvia. Cf. Saraiva e OLD (em ambos, entrada para o verbete *Moesia*). Smith (1854) indica que os gregos a denominavam “Mísia”. Novamente, vemos que no texto de Higino há a presença de preposição diante de nome de cidade, indicando tratar-se dos arredores.

³² *Chryseidam*: sobre o nome da personagem, em *Belli Troianum Ephemeridos* 2. 17 (obra em seis livros que narra a Guerra de Tróia), atribuída a Dictis de Creta, assim como em *Antehomerica* 349, obra atribuída ao gramático de Constantinopla Johannes Tzetzes, a referência a Criseida se faz pelo nome “Astínome”. Cf. Smith (1867a:390 e 1003; 1867c:1199) e Grimal (2008:119), que, inclusive, sugere ser Astínome o “nome verdadeiro” da personagem.

³³ *Apollinis sacerdotis*: trata-se de Crises, da cidade de Crisa, em Tróade (que corresponde à região noroeste da Anatólia, atual território da Turquia). Cf. Grimal (2008:73 e 119); Smith (1867a:699; 1854).

³⁴ *Eius*: pela lógica do texto, é de Agamêmnon o exército a que o pronome se refere.

³⁵ Trata-se de uma *emendatio* a partir da edição de Micyllus, que teria anotado: *uidetur deesse partim peste* (“vê-se que falta <dizer> ‘em parte pela peste’”). Cf. Mi. *ed. pr.* (1535:36). De acordo com Boriaud, a referida adição segue a narrativa homérica. Cf. Boriaud (1997:92). Cf. ainda *Il.* 1. 10: “a peste então lavrou o exército: ruína cai sobre o povo” (Tradução de Haroldo de Campos, 2004, p. 31).

³⁶ A história equivalente a esta passagem da fábula é narrada como episódio primeiro do canto I da *Ilíada*, em que Agamêmnon, após a pestilência enviada por Apolo, devolve Criseida ao sacerdote Crises e solicita a Aquiles que lhe devolva Briseida, em ressarcimento, uma vez que esta havia sido entregue a Aquiles como butim. A situação reflete no rompimento das relações entre Aquiles e Agamêmnon. Cf. *Il.* 1. 9-24; 182-187 e Vieira (em introdução para tradução portuguesa feita por Haroldo de Campos) na qual o estudioso sugere ser essa passagem a mais importante da *Ilíada*, uma vez que “prenuncia seu caráter dramático e trágico” (2004:9). A passagem de Higino, ainda, sugere a intervenção direta de Apolo, diferentemente da presente na *Ilíada*, em que o deus envia a pestilência por solicitação de Crises (a quem fora negada a devolução de Criseida).

concebido de Apolo. 3. Em seguida, quando Crises³⁷ quis devolvê-los a Toante^{38, 39} o velho Crises ouviu que Ifigênia e Orestes eram filhos de Agamêmnon,⁴⁰ e revelou a verdade para o seu filho⁴¹: que eram eles irmãos e, Crises, filho de Agamêmnon.⁴² Revelada a situação, Crises, então, junto a seu irmão Orestes matou Toante e, com a estátua de Diana, salvos, chegaram a Micenas.⁴³

Como nossa tradução pretendeu ressaltar, nesse breve texto, com omissões de vários termos, não raro se depara com obscuridade o leitor que desconhece certas informações, ali omitidas. Por exemplo, quando lemos: *postea, Chryses Thoanti eos cum reddere uellet, Chryses audiit senior Agamemnonis Iphigeniam et Orestem filios esse*, é preciso entender que o pronome *eos* se refere não aos recém mencionados Criseida e Crises, seu filho, mas sim à Ifigênia e Pílades (referidos apenas a seguir), que fugiam da Táurida, como fora narrado nas fábulas anteriores (fábulas 117, 119 e 120). Notamos, pois, que o texto de Higino omite trechos relevantes para sua compreensão, uma vez que, mesmo se tendo um conhecimento prévio sobre a lenda de Orestes e Ifigênia, a referência não se faz imediatamente.

³⁷ *Chryses*: o texto não nos permite decidir se o primeiro Crises é o mesmo especificado a seguir com o epíteto *senior* (“mais velho”), i.e. o pai de Criseida, ou se quem desejava devolver Ifigênia e Orestes seria já o neto homônimo de Crises. Acreditamos que o nome possa se referir ao Crises mais velho, sacerdote de Apolo, se considerarmos questões como a autoridade política do personagem. De todo modo, essa leitura está presente nas traduções consultadas: todas omitem o primeiro termo utilizando-se de um pronome, fazendo referência, então, a *Chryses senior*.

³⁸ Em *Metamorfosis* 27, obra atribuída ao mitógrafo grego Antonino Liberal (II d.C.), Toante era filho de Borístenes. Cf. Smith (1867c:1104).

³⁹ Nessa passagem, é preciso entender que Crises (*senior* ou *iunior*) pretendia entregar Orestes e Ifigênia a Toante. Como o próprio Higino narra em três fábulas anteriores (*Fab.* 117 “Clitemnestra”, *Fab.* 119 “Orestes” e *Fab.* 120 “Ifigênia Táurica”), Orestes havia matado a própria mãe, Clitemnestra, e seu padrasto, Egisto, ambos assassínios de seu pai, Agamêmnon. A fim de livrar-se do castigo por tal crime, Orestes segue o conselho do oráculo de Delfos e parte para Táurida, onde Ifigênia era sacerdotisa de Diana. Toante solicita à sacerdotisa que o mate, juntamente com Pílades, que o acompanhava – e que não é citado na presente fábula –, uma vez que esse tratamento para com os estrangeiros era um costume estabelecido na região. Ao descobrir que se tratava de seu irmão, Ifigênia, Orestes e Pílades fogem para Micenas. Cf. Apollod. *Epit.* 6. 26-27; Eur. *Iphig. Taur.*; Grimal (2008:284); Smith (1867a:699). Interessante é notar que, sem a leitura das duas fábulas anteriores, a passagem se faz obscura, uma vez que está resumida apenas ao termo *eos*, que não é suficiente para a compreensão do referido episódio. Acerca da cronologia dos fatos, Higino narra que a morte de Agamêmnon ocorre quando Orestes ainda era criança. Cf. Hyg. *Fab.* 117. Smith, por sua vez, baseia-se na obra *Electra*, de Sófocles, que narra a mesma versão.

⁴⁰ Orestes e Ifigênia eram filhos de Agamêmnon com Clitemnestra. Cf. Hyg. *Fab.* 98 e 119; Grimal (2008:284).

⁴¹ *Filio*: entendemos, aqui, *filius* no sentido 2 do *OLD*: “daughters and other descendants”. Guidorizzi, em sua tradução italiana das *Fábulas*, sugere que Higino teria compreendido mal sua fonte grega, em que no lugar de *QuáãæÛ* (neto), teria lido *õlyò* (filho). Entretanto, tampouco considera o fato de que o termo *õlyò* pudesse já estar presente na fonte utilizada por Higino. Cf. apud Urbán (2004:111-112). De qualquer forma, acreditamos que antes de cogitar um possível erro – seja por parte de Higino, seja por parte da fonte grega –, torna-se relevante para o prosseguimento de nosso estudo perguntar pelo efeito da presença do termo *filio* no texto latino.

⁴² Não está claro como Crises descobre que seu neto era filho de Agamêmnon. Grimal afirma, sem especificar fontes, que Criseida é quem lhe revela a verdade. Cf. Grimal (2008:119).

⁴³ Para algumas outras informações sobre a lenda, assim como outras fontes antigas referentes a passagens da fábula aqui apresentada, cf. Ruiz de Elvira (1982:423); López (1995:378-381).

Na mesma passagem, citada a seguir de modo mais completo, a obscuridade vem ainda da repetição, conforme grifamos:

Postea, Chryses Thoanti eos cum reddere uellet, Chryses audiit senior Agamemnonis Iphigeniam et Orestem filios esse; qui Chrysi filio suo quid ueri esset patefecit, eos fratres esse et Chrysen Agamemnonis filium esse.

Impressiona que, no trecho, o nome “Crises” seja reiterado quatro vezes. Literalmente, teríamos: “Em seguida, quando **Crises** quis devolvê-los a Toante, o velho **Crises** ouviu que Ifigênia e Orestes eram filhos de Agamêmnon; aquele revelou a verdade para seu filho **Crises**: que eram eles irmãos e, **Crises**, filho de Agamêmnon” (grifo nosso). Estranha-se mais ainda a recorrência quando se nota que os nomes não fazem referência todos ao mesmo personagem, e sim ao avô e neto. Independentemente de tal reiteração consistir em ditografia (conjectura muito especulativa dada a falta mesma dos manuscritos), o fato é que dela resulta uma impressão de objetividade, bem como (veja-se por exemplo o políptoto *Chryses (...) Chrysi (...) Chrysen*), certo efeito estilístico.

Uma investigação sobre a recorrência de tais aspectos estilísticos, bem como seus efeitos e relações com convenções genéricas de *fabulae*, catálogos e genealogias, vem sendo realizada juntamente com a tradução de outras fábulas, como apontamos anteriormente. A princípio, podemos já constatar que em *Chryses* encontramos uma escrita compacta, que, embora tenda a apresentar uma linguagem simples no que tange à escolha lexical, não se faz menos hermética.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Textos latinos, traduções e comentários das *Fábulas*

- HIGINO. (2008). *Fábulas. Astronomía*. Edición de Guadalupe Morcillo Expósito, Ed. Akal, Madrid.
_____. *Fábulas*. (2009). Edición de Javier del Hoyo e Jose Miguel Garcia Ruiz. Madrid: Gredos.
_____. *Fábulas*. (2009). Edición de Francisco Miguel del Rincón Sánchez. Madrid: Alianza.
_____. (1997). *Fábulas*. Traducción de Santiago Rubio Fernaz, Ediciones Clásicas, Madrid.

HYGIN. (1997). *Fables*. Texte établi et traduit par Jean-Yves Boriaud, Les Belles Lettres, Paris.

HYGINUS, G. J. (1535). *Fabularum liber* (& alia opera). Hrsg.v. Jacobus Mycillus, Johannes Herwagen, Basel.
_____. *Fabulae*. (2002). Edidit Peter K. Marshall. Monachii; Lipsiae: In aedibus K. G. Saur.

Fontes Antigas

ANTONINUS LIBERALIS. (1968). *Les Métamorphoses*. Texte établi, traduit et commenté par Manolis Papatomopoulos, Les Belles Lettres, Paris.

APOLODORO. (2004). *Biblioteca Mitológica*. Introducción, traducción y notas de Julia García Moreno, Alianza, Madrid.

DICTYS. (2009). *Dictys Cretensis Ephemeridos Belli Troiani Libri Sex*. BiblioLife, Charleston.

HOMERO. (2004). *Ilíada de Homero*. Trad. Haroldo de Campos; introdução e organização Trajano Viera, 4. ed., 2 v. (bilíngue), Arx, São Paulo.

- OVIDE. (1987). *Tristes*. Texte établi et traduit par Jacques André, Belles Lettres, Paris.
- OVIDIO. (2005). *Metamorfosis*. Edición y traducción de Consuelo Álvarez y Rosa Mª Iglesias, Cátedra, Madrid.
- _____.(2002). *Tristes, Cartas del Ponto*. Introducción, traducción y notas de Rafael Herrera Montero, Alianza, Madrid.
- _____.(1993). *Tristezze*. Introduzione, traduzione e note di Francesca Lechi, Rizzoli, Milano.
- SUETONE. (1993). *Grammairiens et rheteurs*. Texte établi et traduit par Marie-Claude Vacher, Les Belles Lettres, Paris.
- TZETZAE, J. (1793). *Antehomerica, Homerica et Posthomerica*. Codicibus edidit et commentario instruxit Friedericus Iacobs, Lipsiae.

Obras de Referência e Manuais de Mitologia

- ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA. (1940). *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*, Imprensa Nacional de Lisboa, Lisboa.
- CONTE, G. B. (1994). *Latin Literature – a history*. The Johns Hopkins University Press, Cambridge.
- ELVIRA, A. R. (2000). *Mitología clásica*, Gredos, Madrid.
- GLARE, P. G. W. (1968). *Oxford Latin Dictionary*, Clarendon Press, Oxford.
- GRIMAL, P. (2008). *Diccionario de la mitología griega y romana*, 6. ed., Paidós, Barcelona.
- HOUAISS, A.; VILLAR, M. S. (2001). *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, Objetiva, Rio de Janeiro.
- LÓPEZ, M. D. G. (1995). *Manual de mitología clásica*, Ediciones Clásicas, Madrid.
- SARAIVA, F. R. S. (2006). *Dicionário Latino Português*, 12. ed., Garnier, Rio de Janeiro-Belo Horizonte.
- SMITH, W. (1867). *Dictionary of Greek and Roman Biography and Mythology*, 3 v., J. Murray, London.
- _____.(1854). *Dictionary of Greek and Roman Geography*, J. Murray, London.
- TORRINHA, F. (1942). *Dicionário Latino-Português*, Porto Editora, Porto.

Bibliografia complementar

- BÖCK, B.; LUZZATTO, M. J. (2009). “*Fable*”. *Brill’s New Pauly*. Antiquity volumes edited by: Hubert Cancik and Helmuth Schneider. Brill, 2009. Brill Online. Universitaetsbibliothek Heidelberg.
- NAUCK, A. (1889). *Tragicorum Graecorum Fragmenta*. Lipsiae, 1889.
- PRATA, P. (2007). “O caráter intertextual dos Tristes de Ovídio: uma leitura dos elementos épicos virgilianos”. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- REITZ, C. (2009). “*Catalogue*”. *Brill’s New Pauly*. Antiquity volumes edited by: Hubert Cancik and Helmuth Schneider . Brill, 2009. Brill Online. Universitaetsbibliothek Heidelberg.
- RENGER, J.; MEISTER, K.; RÜPKE, J. (2009). “*Genealogy*.” *Brill’s New Pauly*. Antiquity volumes edited by: Hubert Cancik and ; Helmuth Schneider . Brill, 2010. Brill Online. Universitaetsbibliothek Heidelberg. 14 November 2010 http://www.brillonline.nl/subscriber/entry?entry=bnp_e421360.

- REEVE, M. (1983). "Hyginus" in Reynolds (ed.), *Texts and transmission: a survey of the Latin classics*. Oxford: Clarendon Pr., pp. 187-190.
- SCHMIDT, P. L.; SCHNEIDER, H. "Hyginus, C. Iulius". Brill's New Pauly. Antiquity volumes edited by: Hubert Cancik and Helmuth Schneider. Brill, 2009. Brill Online. Universitaetsbibliothek Heidelberg.
- URBÁN, A. (2004). "Tres observaciones filológicas a Higino mitógrafo (Hyg. *Fab.* 31, 121 y 152)". *Exemplaria classica: journal of classical philology*, nº 8, pp. 103-121.